

Um louco, um aventureiro, ou um homem que não traiu os sonhos de sua geração? O inglês Clive Kelly, 56 anos, talvez seja um pouco de cada coisa. Nascido na Inglaterra, em meio aos bombardeios da Segunda Guerra, aos 13 anos de idade soltou seu lado aventureiro e partiu numa embarcação rumo ao Pólo Norte, onde foi conhecer os esquimós. Aos 17 anos retornou para seu país e, um ano depois, era dono de um pub. Aos 23 anos, era um jovem bem sucedido, dono de seis casas noturnas. Uma espécie de promotor musical, organizava shows, de blues ao rock and roll. Era início dos anos 60 e convivia com jovens músicos que, mais tarde, se tornaram famosos no mundo inteiro. Quando fala dos jovens de sua geração, capitão Kelly, como é conhecido hoje, está referindo-se a ninguém menos que Os Beatles e os Rolling Stones.

Da época, o capitão guarda apenas suas lembranças, fotos e alguns recortes de jornais e revistas, com pequenas notas dos shows que promovia. Abalado por incidentes que vitimaram alguns de seus amigos de adolescência — drogas e acidentes de carro — e encantando com os sonhos de uma geração que buscava paz, liberdade e era contra o consumismo, Kelly virou hippie. Começou a fazer artesanato, que vendia nas ruas de Londres, depois nos Estados Unidos, Canadá e até Japão. Assim, conheceu boa parte do mundo e, nos anos 70, chegou ao Brasil.

Aqui, logo conheceu Rita Lee e engrossou a fileira dos que a seguiam pelo Brasil, na onda do "Paz e Amor". Em 71, radicou-se em São Paulo e abriu na Alameda Lorena, nos Jardins, a Freedom, butique que era o *must* entre os psicodélicos da época. Na mesma alameda, inaugurou em 77 uma das casas noturnas de maior sucesso de São Paulo, o Victoria Pub. Quando se tornou um bem sucedido empresário na noite paulistana, novamente inverteu o rumo de sua vida. Construiu o *Survival* (sobrevivência), um barco de 55 pés, um catamarã de três cascos, e foi cruzar os mares em busca de aventura. Desde então, já cruzou o Atlântico duas vezes e agora se prepara para uma nova aventura.

O ex-hippie e ex-empresário se tornou um intransigente defensor dos índios e do meio ambiente. Criou o termo 'marecídio' para denunciar a destruição que os homens estão causando ao mar e fez de seu barco um museu indígena flutuante. Budista, é também um defensor dos animais. Não se separa de sua cachorra Kellyeye. "Ela é meus olhos enquanto durmo", explica.

Ancorado numa praia em Ilhabela, onde prepara o barco para o novo cruzeiro, e aguarda resposta ao anúncio que publicou, convidando alguns 'aventureiros' para formar sua tripulação, capitão Kelly recebeu o *Jornal da Tarde* para falar de sua filosofia de vida.

Jornal da Tarde - Como foi seu contato com Os Beatles e Rolling Stones?

Capitão Clive Kelly - No início dos anos 60, eu já tinha casas noturnas em Londres e promovia música, de blues a rock. Estava em Liverpool quando conheci Os Beatles e acabei viajando com eles para a Alemanha. Em 63, conheci os Rolling Stones também na noite, por intermédio de Brian Epstein, que foi o empresário que alavancou a carreira dos Beatles. Eu tinha apenas 23 anos e era um jovem bem sucedido, dono de seis casas noturnas. Era comum conviver com músicos, principalmente com os jovens, que se apresentavam nos meus pubs.

Por que o senhor abandonou essa carreira e foi ser hippie?

É muito difícil conviver com o dinheiro. Tive muitos amigos que acabaram com suas vidas, fazendo loucuras que o dinheiro permite. Alguns morreram muito jovens, em acidentes de carro, de helicóptero e até mesmo com drogas. Concluí que não valia a pena aquela vida e fui ser hippie. Fazia artesanato e vendia nas ruas em Londres. Depois fui conhecer o mundo, sempre fazendo artesanato. Morei em Nova York, estive no Canadá e no Japão.

Por que veio para o Brasil?

Quería conhecer os índios. Vim para cá em 70, mas logo conheci a Rita Lee e engrrossei a "trupe" que a seguia nas turnês pelo Brasil. Gostei do país e acabei ficando.

Depois de conhecer o Brasil como hippie acabou retomando a vida de empresário da noite, como foi isso?

Primeiro eu abri a Freedom, a primeira butique cult de São Paulo, na Alameda Lorena. Vendia de tudo: roupas, posters, jóias. Foi um sucesso. A Freedom durou de 1971 a 78 e deu dinheiro para eu abrir o Victoria em 77. Nessa época, já estava com meu barco pronto e deixei um sócio cuidando da casa. Tive outras casas noturnas em São Paulo, como o Latitude 3001. Do Victoria fui dono até 90 e depois passei tudo para meu sócio.



Capitão Kelly transformou seu barco Survival num museu indígena flutuante

PARA ELE, O SONHO AINDA NÃO ACABOU

DEPOIS DE CONVIVER COM OS BEATLES E SER UM EMPRESÁRIO BEM SUCEDIDO, O INGLÊS CLIVE KELLY VIROU HIPPIE E HOJE É UM CAPITÃO EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE E DOS ÍNDIOS

Fátima Fonseca, especial para o *Jornal da Tarde*



Kelly, com índio, em cena do filme "Raoni", nos anos 70

O senhor parece que não gosta muito de dinheiro, porque acabou deixando tudo para voltar para a vida alternativa...

O dinheiro não me deu felicidade. As pessoas com muito dinheiro acham que podem mandar em tudo, não conhecem o lado espiritual da vida, não sabem sobreviver sem dinheiro. O tempo todo só pensam em ganhar mais. Nunca têm tempo para pensar em nosso planeta.

Foi então que resolveu 'jogar tudo para o alto' e fazer o barco?

Comecei a projetar o barco em 1975. No Natal de 1977 larguei tudo, coloquei o barco na água e saí dando palestras, alertando as pessoas para a importância de preservarmos nossa mãe terra.

O senhor fala muito da necessidade de preservar o planeta, referindo-se a ele como mãe terra e em espiritualidade. Tem alguma religião?

Sou budista. Acredito em reencarnação e tenho minha filosofia de ajudar o planeta terra. Nós budistas trabalhamos o carma para a próxima reencarnação. Acreditamos que se não fizermos nada nesta vida, na próxima podemos voltar como um animal, porque o animal também tem espírito. Os budistas não roubam, não mentem e evitam fazer mal aos outros. Eu procuro ensinar as pessoas a serem mais humildes, porque é na humildade que está a chave do conhecimento para entendermos melhor o mundo. Nós, budistas, procuramos tratar bem o mar, a floresta, os animais, porque tudo faz parte do planeta terra.

Desde 1977 sua vida é fazer cruzeiros e palestras defendendo o meio ambiente?

Já atravessei o Atlântico duas vezes. Fui também para o Pacífico, onde denunciei a pesca com bombas. Aliás, aqui no Brasil também

estão usando esse meio para pescar. É um meio criminoso de pesca. Eles primeiro jogam sangue e outras iscas para atrair os peixes e aí jogam dinamites. Os peixes que não morrem ficam cegos e sofrem muito. Como estou sempre no mar, vejo tudo isso e denuncio.

Que meios o senhor usa para fazer essas denúncias?

Onde chego dou palestra. Em marinas, escolas, centros culturais. Denuncio a pesca com bomba, a pesca com cloro e outras formas predatórias usadas pelos pescadores. Estou tentando passar para as pessoas um novo termo, o 'marecídio', que é destruição do mar, de sua vegetação, pelo plástico. Das milhares de bitucas de cigarro que são jogadas nas praias e cujo filtro é feito de material plástico às garrafas e sacos plásticos, tudo vai para o mar. Fica boiando até formar uma crosta na parte que está em contato direto com a água e afunda. Quando a gente mergulha vê esse lixo formando uma camada cinzenta sobre a vegetação. Isso impede que as baleias mergulhem mais fundo, mata peixes e destrói a fauna e flora marítimas.

O que é a pesca com cloro?

Isto está sendo praticado no litoral brasileiro. Eles descem até os arrecifes e soltam o cloro que forma uma espécie de câmara de gás, asfixiando peixes e lagostas. Aí pescam peixes de todo tamanho com arpão. O cloro queima os arrecifes e toda vegetação que está por perto. O fundo do mar está virando uma espécie de Amazônia. É igual na mata. São



O capitão e seu barco ancorado em Ilhabela

quilômetros de vegetação marítima, tudo queimado, tudo cinza. O problema da pesca no Brasil é que não há fiscalização. A pesca com cloro e bomba existe também nos rios Paraná, Amazonas e São Francisco. Acaba com os peixes dos rios e deságua toda essa toxina no mar.

O senhor acha que falta fiscalização por parte do governo?

Não há nenhuma. O homem está destruindo tudo e os governos colaboram à medida em que esgotam correm pelas praias e caem no mar.

Não há lixo espalhado pela praia. Basta olhar em volta (e mostra a sujeira na praia de Santa Tereza, em Ilhabela, onde está com o barco ancorado). Olha quantas garrafas de água, quanto plástico... No ano passado, encontrei uma tartaruga morta e quando abri tinha um monte de lixo que ela comeu. Achei camisinhas, florzinha de plástico, ponta de cigarro. Não há nenhuma placa lembrando as pessoas que isso tudo polui e mata a vida marinha e todo mundo ignora, porque as pessoas não têm consciência do estrago que estão fazendo. Por isso chamo de 'marecídio'.

E o interesse pelos índios, de onde veio e como espera ajudá-los?

Quando vim para o Brasil já tinha a ideia de conhecer os índios. Minha luta é para que eles não sejam civilizados. O índio tem que ficar no seu lugar, ele é a melhor forma de protegemos a floresta para que a mata não seja derrubada pelo homem. É importante que o índio tenha o seu espaço, preserve sua cultura e seu modo de vida.

Que tipo de contribuição o senhor dá para a preservação do índio?

Nos anos 70 eu ajudei a produzir alguns filmes, espécie de documentários, sobre os índios, a influência do homem branco e a necessidade de mantermos os índios vivos. Fiz *Indian*, depois *Xingu*, os *Homens Brancos estão Chegando* e *Raoni*, o primeiro filme brasileiro a ganhar quatro prêmios no Festival de Gramado. Ganhava também o Prêmio Ecológico Mundial, no Oscar, em Hollywood. Hoje meu barco é um museu indígena flutuante.

Como funciona esse museu?

Coleciono artesanato de índios de todos os lugares que conheço. Tenho cinco cabines de casal no barco e duas delas viraram uma espécie de depósito de artesanato indígena. São centenas de colares, cocares e outros objetos, que deixo expostos no barco e quando estou ancorado deixo as pessoas visitarem. Estou tentando junto à coordenação do Parque Estadual da Ilhabela fazer aqui um museu diferente. A ideia é ter um espaço onde os índios possam vir mostrar sua cultura. Trairiam suas telas, esculturas, cocares, etc. e, já que estamos num país capitalista, venderiam seu artesanato e voltariam com o dinheiro para suas terras. Estou fazendo um museu indígena também no Parque Metropolitan de Pituacú, em Salvador, BA, numa terra que tenho lá.

Como vê a atuação da Funai?

Acho que faz o melhor que pode com o pouco recurso que tem. O Brasil ainda é um dos poucos países do mundo que toma conta do índio. Mesmo assim, algumas tribos, depois de civilizadas, foram abandonadas e os índios acabam se suicidando. Mas esse abandono acontece por falta de recursos, porque no Brasil há uma consciência em rela-

ção ao índio. Em países como Argentina e Paraguai, os índios foram mortos e isto é muito pior.

Foi o senhor quem apresentou Sting para o cacique Raoni?

Conheci Raoni em meados dos anos 70. Sempre gostei de artesanato e houve uma troca de experiência. Eu ensinei os índios do Xingu a trabalhar com o material que eu conhecia e eles me ensinaram a fazer artesanato com dente de porco do mato. O cacique Raoni virou meu amigo. Conhecia Sting da Inglaterra, da época que eu tinha casas noturnas. Em 88, quando ele (Sting) fazia shows pelo Brasil seu pai morreu e ele quis ir descansar no Parque Nacional do Xingu. Eu o apresentei a Raoni, eles viajaram pelo mundo para divulgar a causa indígena, enfim, tudo aquilo que você sabe. Mas, depois, com a ideia de fazer a Fundação Mata Virgem houve desentendimentos, os índios queriam que eu assumisse a presidência e ele e o Jean Pierre Dutilleux (cineasta) não queriam. As visitas de Sting e Raoni aos vários países atraíram recursos, entrou muito dinheiro, que seria usado para a demarcação do Parque do Xingu, mas o dinheiro nunca apareceu. Por isso, digo que Sting é um mentiroso, usou os índios para se promover. E o dinheiro? Os índios não receberam.

As divergências com Sting o afastaram da Fundação?

Cheguei a ir numa reunião na USP, realizada para discutir a criação da Fundação, e o gerente do Sting, que tinha vindo de Hollywood, me chamou do lado e disse que ele, Sting, seria o presidente da Fundação. O cacique Tucaramã Megaron estava na reunião, defendeu meu nome para a presidência. Mas Sting é mais famoso, estava com o dinheiro, virou o presidente. Fez uma promessa para os índios que não cumpriu. Quando ligo para saber do dinheiro dos índios, não me atendem.

Sua luta em defesa dos índios e do meio ambiente é louvável, mas dedicando todo o tempo a essas campanhas, como sobrevive financeiramente?

Das palestras que faço e da venda de artesanato. Ainda produzo artesanato, mas não saio mais pela praia vendendo. Na época de hippie 'gambeava' (gambeare é ir de praia em praia mostrando o artesanato para os turistas). Hoje dou os brinco-los para os hippies venderem.

Vender artesanato em praia dá dinheiro?

Sim. No verão eles (os hippies) fazem R\$ 200,00 a R\$ 300,00 por dia com a venda de artesanato e isto só numa praia. Se saírem 'gambeando' podem ganhar duas, três vezes mais.

O senhor já está há um ano em Ilhabela. Algo de especial o faz ficar tanto tempo ancorado aqui?

Eu tinha um sítio em Parati, mas lá ficava um pouco isolado e isso dificulta meu trabalho de defesa do meio ambiente. Aqui é um lugar com muita água, temos mais de 200 cachoeiras e isso é ótimo. Estou longe da loucura que é São Paulo, mas não 'isolado' do mundo. Aqui chegam jornais, o acesso a informação é fácil. Por outro lado, fiquei parte do tempo reparando o barco.

Quando será o próximo cruzeiro e para onde o senhor pretende ir?

Termeiros os reparos no barco e aguardo a lua cheia para fazer a pintura. Quem vive no mar, não tem um roteiro certo. Mas, na próxima viagem vou atravessar o Canal do Panamá e rumar para as ilhas do Pacífico Sul. Tenho um convite do rei de Tonga para dar palestras e sugestões sobre projetos de turismo ecológico. Por isso, vou ficar um tempo lá. Ficarei, no mínimo, um ano no mar.

O senhor colocou um anúncio convocando 'aventureiros' para o cruzeiro...

Sim. Não tenho dinheiro para contratar uma tripulação. Então fiz um anúncio pedindo dois jovens que saibam velejar e que não fumem. Mas, os interessados precisam ter dinheiro para suas despesas.

No anúncio pedia também uma mulher para cozinhar. Um homem não poderia fazer isso?

Eu gosto de cozinhar e até posso fazer isso. Mas, passar um ano no mar sem mulher não dá.

Está querendo uma noiva aventureira, é isso?

Sim, qual o problema? Não gosto de viver sozinho. Estou separado e quero uma companheira para a viagem. Não vejo crime nenhum nisso. Aliás, de preferência alguém que possa ser uma *ghost writer* para o livro que estou escrevendo.

Do que se trata o livro?

O livro deve se chamar *Kelly's Eye* (Olhos de Kelly) e é sobre minhas viagens, meu contato com os índios, minhas denúncias sobre o 'marecídio'. Quando falar de minha vida vou contar um pouco também sobre as pessoas que conheci e que ficaram famosas, como os Beatles, Rolling Stones, Rod Stewart...